

MAIS BEBÊS INFECTADOS

Irmãos Ianomâmis sobrevivem à tradição indígena que diz que os gêmeos devem ser mortos. Agora precisam superar a infecção

Ana Beatriz Magno
e José Varella
Enviados especiais

Boa Vista — A *mili noma layon maa ki, a temia yai hea kô plamalem* celebram os ianomâmis quando alguém escapa da morte. Algo como: “a pessoa escapou da morte, a pessoa viveu”. Descalça e com um filho de 3 anos no colo, Paulina Ianomâmi ontem chorava preocupada com seus dois bebês, um casal de gêmeos que por três vezes já driblou a morte e está internado desde o último dia 19 no Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré.

Mesmo sem entender nada de português e medicina, Paulina sabe que os nenéns correm risco de vida. O perigo aumentou ontem quando os técnicos da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) descobriram que o sangue do pequeno ianomâmi foi contaminado pela infecção hospitalar. Além do indiozinho, mais cinco crianças do berçário estão infectadas, segundo os exames da Fiocruz.

A descoberta deixou a direção de maternidade visivelmente abatida. E perdida. Chegaram a cogitar que todos os recém-nascidos contaminados seriam mandados para Brasília, mas preferiram deixar os bebês em quarentena.

“Os bebês infectados estão num berçário separado e isolado. Junto com eles estão apenas as crianças que tiveram contato com o surto da infecção. Todos que nascem agora vão para uma outra ala”, tratou de explicar a neonatologista Celeste Wanderley, tida como das mais competentes do hospital.

GÊMEOS CONDENADOS

No bebê ianomâmi e em mais outro recém-nascido foi detectada a bactéria *Kebiziela*, microorganismo típico de hospitais. Em outras quatro crianças foi encontrada a bactéria *Acinetobacter calcoaceticus*, também comum em ambientes hospitalares infectados.

A família ianomâmi virou o xodó do hospital. Há suspeita de que Paulina, a mãe, esteja com tuberculose. A pequena-grande mãe, baixinha, de cabelo liso e preto, superou todas as expectativas, rompeu os costumes ianomâmis e se apegou aos bebês gêmeos. Chora quando se separa deles, apesar de toda a tradição ianomâmi que marca com a morte todos que nascem gêmeos. Eles

acreditam que a criança gêmea dá muito mais trabalho e ela já nasce condenada. Matam as duas porque acham que se Deus mandou duas deve recebê-las de volta. Outro tradição da tribo manda que a mãe mate o bebê que tiver nascido com uma diferença menor do que três anos para seu irmão mais velho.

É uma maneira de poupar a mãe do trabalho com dois filhos pequenos. São elas mesmas que matam. Vão para a mata, enforcam a criança ou lhe dão uma folha para comer.

SALVAÇÃO

“Por isso que o caso desses gêmeos é tão bonito. Eles venceram a tradição porque nós explicamos muito a Paulina que o povo ianomâmi estava sendo extinto e que valia a pena preservar os meninos. Portanto, esses são os primeiros gêmeos ianomâmis que sobrevivem. Falta sobreviver à infecção. Por enquanto estão sobrevivendo”, explica a irmã Florença, intérprete dos ianomâmis na maternidade.

Outra que está conseguindo enganar a morte é a filha de Cenita Moraes, internada na maternidade desde o dia de 19 de outubro. Na segunda-feira à noite, ela deixou de embarcar para Brasília por estar com malária, mas até agora não apresentou sinais da infecção hospitalar, segundos os exames da Fiocruz e da própria maternidade.

“Colhemos o liquor (líquido da medula) da criança e não encontramos as bactérias. Mas o estado dela é grave porque está com malária falsipara, o pior tipo de malária”, diz Celeste, a neonatologista, enquanto Cenita perambula pelos corredores pedindo a salvação da filha.

REMÉDIO RESISTENTE

Só este ano a malária já matou 39 mil pessoas em Roraima. A de tipo falsipara é mais perigosa porque é letal e atinge o cérebro. Mas os médicos da hospital garantem que Boa Vista é o melhor lugar do país para curar malária.

“Para nós, malária é que nem gripe. Somos especialistas nisso. A criança está numa parte isolada do berçário sem contato com outros recém-nascidos”, diz a diretora da maternidade, Francinéia Rodrigues. Os técnicos da Fiocruz — eles voltaram para o Rio de Janeiro na semana passada — deixaram para o hospital um medicamento de quarta geração específico para a malária.

José Varella



Paulina, uma das gêmeas ianomâmis, contraiu malária e ainda corre risco de vida no hospital em Boa Vista

Vigor e sorte para sobreviver

Sonara Costa, 27 anos, nunca esteve tão feliz. Desde domingo dorme ao lado da filha, Maria Alice, num quarto do Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré. A menina tem saúde de guerreira.

Nasceu prematura com sete meses, no dia 22 de outubro. Pesava 2,2 kg e foi direto para o berçário. Naquele momento, o clima na maternidade era péssimo. 32 crianças já tinham morrido dentro do berçário entre os dias 1º e 23 de outubro. “Fiquei em pânico. Briguei com muita gente. Vi mãe perdendo filho, vivia na porta do berçário querendo saber notícia da minha filha”, lembra Sonara enquanto amamenta Alice que balança as pequenas pernas e devora o alimento. “Ela mama muito. É brava”, diz Sonara.

CHEIO DE BARATAS

Alice passou por várias exames, frequentou a incubadora e em seu sangue não há nenhum sinal de infecção. “Parece milagre”, comemora a mãe, olhando para a filha que agora fica numa pequena cama de luz. Está se recuperando de uma icterícia.

Moradora de Boa Vista, Sonara teve os três filhos na maternidade. Na vez de Alice, Sonara já sabia que a situação não era das melhores no hospital, mas não teve escolha. Não tinha dinheiro para pagar uma clínica particular.

“Vim ganhar neném morrendo de medo. Eu já sabia das mortes. Agora a maternidade está muito mais limpa. Mas quando eu cheguei o banheiro estava horrível, fedorento e cheio de baratas. Depois que esse escândalo apareceu na televisão eles melhoraram tudo aqui”, conta.

24 HORAS

Sonara não esconde a alegria de ter uma filha forte. Ou de ter contado com a sorte. Seu sorriso indifereçável contrasta com o abatimento de Kleide Pereira de Souza, que tem apenas 17 anos. Seu filho, ainda sem nome, está desde o dia 25 dentro do berçário. “Não sei se ele vai sair de lá”, lamenta.

O parto da adolescente foi um sofrimento. Quando a bolsa d'água rompeu ela estava no município de São Luís (RR), onde nasceu, a 400 km de Boa Vista. Para chegar à maternidade da capital, passou um dia inteiro dentro de um ônibus *pau-de-arara*. Pior: não foi atendida assim que chegou lá. Passaram-se mais 24 horas até que fosse feita a cesariana. Tudo indica que a falta de líquido amniótico fez com que o recém-nascido enfraquecesse bastante. Suas chances de sobreviver são remotas. (ABM e JV)